

Eduardo Neumann

“NI V. E IGNORA QUE NO HE TENIDO OCIOSA LA PLUMA”:¹ A POLÊMICA PRODUÇÃO ESCRITA DE UM JESUÍTA DURANTE O TRATADO DE LIMITES ²

RESUMO

O texto analisa a trajetória de Bernardo Ybáñez Echavarri, religioso expulso da Companhia de Jesus em 1757, quando ocupava o cargo de capelão da primeira comissão demarcadora no rio da Prata. O tema merece atenção tanto por conta das circunstâncias da expulsão, assunto marcada por desconfiças e intrigas, mas principalmente pela polêmica gerada a partir da produção escrita desse ex-jesuíta. Ele sabia muito bem os feitos que a circulação de papéis poderia provocar. Escreveu de maneira intensa e frequente além de assumir pessoalmente a condução de sua defesa, pois desejava obter alguma retratação, diante da expulsão que julgava injusta e arbitrária. Um homem de letras que acionava a pluma com facilidade contra aqueles que julgava seus inimigos.

Palavras-chave: jesuítas; ilustração; Tratado de Limites

“NI V. E IGNORA QUE NO HE TENIDO OCIOSA LA PLUMA”: THE CONTROVERSIAL WRITTEN PRODUCTION OF A JESUIT DURING THE TREATY OF LIMITS

ABSTRACT

The article aims to analyse Bernador Ybáñez Echavarrí's trajectory, a clergyman expelled from the Society of Jesus in 1757, when he held the position of chaplain of the first demarcation commission on the River Plate. This topic deserves attention both because of the circumstances of the expulsion, a subject marked by suspicions and intrigues, but mainly by the controversy generated from the written production of this ex-Jesuit. He knew very well the effects that the circulation of paper could cause. He wrote intensely and frequently in addition to personally assuming the conduct of his defense, since he wished to obtain some recantation, before the expulsion which he judged unjust and arbitrary. A man of letters who fired the pen with ease against those who he judged his enemies.

Keywords: Jesuits; Enlightenment; Treaty of Limits

“NI V. E IGNORA QUE NO HE TENIDO OCIOSA LA PLUMA”: LA POLÉMICA PRODUCCIÓN ESCRITA DE UN JESUITA DURANTE EL TRATADO DE LÍMITES.

RESUMEN

El texto analiza la trayectoria de Bernardo Ybáñez Echavarrí, religioso expulsado de la Compañía de Jesús en 1757, cuando ocupaba el puesto de capellán de la primera comisión demarcadora en el río de la Plata. El tema merece atención tanto por cuenta de las circunstancias de la expulsión, asunto marcado por las desconfianzas y las intrigas, como principalmente por la polémica generada a partir de la producción escrita de ese ex-jesuita. Él sabía muy bien los hechos que la circulación de papeles podría provocar. Escribió de forma intensa y frecuente y además asumió personalmente la conducción de su defensa, pues deseaba obtener alguna retractación, delante de la expulsión que juzgaba injusta y arbitraria. Un hombre de letras que manejaba la pluma con facilidad en contra de aquellos que tomaba como sus enemigos.

Palabras clave: jesuitas; ilustración; Tratado de Límites

O Tratado de Limites assinado em 1750, entre as monarquias Ibéricas, causou forte repercussão na América meridional e implicou na presença *in situ* de inúmeras autoridades, militares e eclesiásticas, além de técnicos nessa região³. O acordo estabelecia a permuta de territórios e estipulava que Portugal cederia à Espanha a Colônia do Sacramento em troca de sete reduções instaladas na margem oriental do rio Uruguai. Os funcionários encarregados de fixar os novos limites também foram os responsáveis por uma intensa produção e circulação de documentos. A chegada desses oficiais, no território implicado na permuta, gerou um período de dinamização dos contatos epistolares, promovendo uma "escriturização"⁴ das relações sociais.

Esta negociação procurava, por meio de um acerto diplomático, colocar ponto final nos litígios de fronteira na América do Sul, tanto na sua porção sul como ao norte. No rio da Prata a execução dos trabalhos de demarcação, culminou na eclosão de uma rebelião colonial, conhecida na historiografia como Guerra Guaranítica (1754/1756). As manifestações de oposição dos indígenas às ordens de transmigração deflagrou inúmeras polêmicas e desencadeia severas críticas à atuação dos missionários. E, para culminar, um jesuíta foi expulso da ordem. Os motivos da expulsão de Bernardo Ybañez, marcada por desconfianças e intrigas mútuas, ainda hoje são nebulosos. Portanto, o tema merece atenção tanto por conta da grande repercussão desses episódios na sociedade ibero-americana como pela produção escrita desse ex-jesuíta. Especialmente o seu ímpeto escriturário após ser afastado da ordem.

Diante desses acontecimentos a Companhia de Jesus enfrentava tanto um front interno como outro externo, envolvendo as acusações de Ybañez quanto ao posicionamento dos jesuitas diante das ordens recebidas de Madri. Depois de alguns meses atuando na América, ele demonstrava sinais de incompatibilidade com seus colegas radicados na região e as opiniões emitidas por ele selaram o seu destino. Suas interpretações controvertidas, aliadas às alterações promovidas no Diário de Tadeo Henis - ao realizar sua transcrição - conferiram a ele a condição de um renegado⁵. Enfim, o meu interesse não é exatamente pelas obras elaboradas por Ybañez, que já tiveram sua fortuna crítica, mas

principalmente por sua relação com a cultura escrita, acessível através de sua correspondência.

A TRAJETÓRIA DE UM VASCO

Natural de Vitória, cidade localizada no País Vasco (Espanha), Bernardo Ibáñez de Echavarri nasceu no dia 15 de outubro de 1716. No ano de 1733 ingressou na Companhia de Jesus e, após prestar os primeiros votos, estudou filosofia em Palencia e teologia em Salamanca. Aproximadamente uma década depois, foi afastado da ordem, antes de fazer os últimos votos (1745). Contudo, em 1753 o seu pedido de readmissão na Companhia de Jesus foi atendido. Ele fora designado para atuar no Paraguai e, no dia primeiro de agosto de 1755, chegava um jesuíta vasco ao rio da Prata.

Em terras americanas, contou com a companhia de seus primos, Pascual Ibañez de Echavarri, que desempenhava um cargo no *Cabildo* da cidade no ano de 1758, e Juan de Echevarría, comandante de uma das comissões demarcadoras. Com este interlocutor, por vezes, sinalizava sua região de origem na Península Ibérica ao encerrar as correspondências com a expressão "agur", no caso adeus em euskera.

O fato é que, logo após desembarcar em Buenos Aires, Ybañez foi prontamente informado por seu primo comissário a respeito da opinião que circulava na Europa, no caso os comentários difundidos a respeito dos acontecimentos em curso na Província do Paraguai. Os jesuítas que atuavam na região estavam sendo acusados de crime de infidelidade e de desobediência ao Rei.

Nessa época, o ambiente intelectual não era dos mais convidativos em Buenos Aires. A cidade ainda não contava com uma Universidade, imprensa ou mesmo uma grande livraria. Tratava-se de uma cidade de comerciantes e criadores de gado. Em todo caso, o desembarque de Ybañez foi precedido de vários comentários elogiosos que a sua obra, *Vida de San Prudencio*, havia granjeado.⁶

Em Buenos Aires, angariou notoriedade por seus sermões. Em uma cidade carente de outros meios de divulgação de informações, seja de uma imprensa ou de jornais, o sermão correspondia ao principal meio de difusão de ideias e pensamentos. Trata-se de uma

via para instruir e alertar a população, mas também desempenhava o papel de um espetáculo ao público ávido de entretenimento.⁷

Sua capacidade oratória foi logo reconhecida por todos, sendo comprovada diante da sua eloquência nos sermões, qualidade que atraiu um expressivo público e mereceu comentários dos seus superiores, mesmo daqueles que pertenciam às demais ordens instaladas na cidade. Considerado como um religioso inteligente e culto, era visto como alguém que contribuiu para a utilidade dos sermões. Porém as suas pregações, por seu conteúdo, também alimentaram as desconfianças de uma excessiva autonomia quanto às opiniões emitidas. Sua postura perante as ordens recebidas da monarquia destoava do espírito de grupo imperante entre os jesuítas radicados na América.

A SEGUNDA EXPULSÃO

O sermão proferido na Páscoa de 1757, quando estava ocupado em desempenhar as funções que o púlpito demandava - apesar de ter recebido grandes elogios -, também acabou despertando atenção a respeito das ideias manifestas por Ybañez. Após a homilia da Páscoa ele foi descansar na Casa de Campo, conhecida como *Chacarita*, residência da Companhia de Jesus a umas duas léguas de distância de Buenos Aires. Enquanto descansava da “sagrada faena de tantos sermões”, ele escreveu ao seu primo Juan de Echavarria, comentando a respeito da repercussão da sua estadia na *Chacarita*. Assim, no dia 22 de abril de 1757, ele justifica que: “(...) como no soy Doblón de a ocho no es fácil que todos me miren con buenos ojos. Si es por que me quieren bien: Dios se lo pague”⁸

O fato é que durante esse retiro manteve conversas com outros jesuítas, expondo a sua opinião sobre os acontecimentos em curso. Manifestou seu entendimento a respeito da conjuntura pela qual passava a Província, caracterizada por ele como o “*Systhema de mis dictamenes*”⁹. Suas ideias primeiro foram apresentadas no Colégio de Córdoba, em setembro de 1756, deixando a audiência, segundo Ybañez, incomodada. O tal “*Systhema*” era a sua avaliação a respeito das desordens geradas pelos trabalhos de demarcação e as críticas e calúnias dirigidas aos responsáveis por definir a nova

linha de limites. Fica evidente que ele era favorável à permuta de territórios, pois o próprio reconhecia ser o “único de este parecer en la Provincia”¹⁰. Opinião que em nada coincidia com a dos demais padres missioneiros que desempenhavam seus trabalhos apostólicos no Paraguai. Em parte, sua posição decorria do fato de que ele havia chegado à região em meio aos trabalhos de demarcação e, por outra, pelo fato de que não era um jesuíta criollo, e sim um peninsular que fora readmitido na ordem e designado para atuar em um território conflagrado pelo Tratado de Limites.

O curto período em que praticou a sua oratória na Catedral de Buenos Aires foi tempo suficiente para inflar o seu prestígio pessoal, que, aliado a um temperamento indócil e intrigante, acabou aumentando seu distanciamento em relação ao grupo de jesuítas já instalados na região. Agregue-se a essa situação o fato de ele julgar-se mais apto, inteligente e melhor preparado que os demais. Ao que tudo indica, não se sentia atraído pelas viagens e as longas jornadas perambulando pelo território missioneiro, deslocamentos que o cargo de capelão para o qual fora designado demandaria. Exatamente por sua vaidade intelectual e seu temperamento extravagante, aliado às suas opiniões e atitudes, tais características contribuíram para a sua segunda expulsão da Companhia de Jesus.¹¹

Os seus infortúnios começam quando, no dia 3 de maio, chega até as suas mãos a carta assinada pelo padre Provincial, Jose de Barreda. Nessa correspondência, datada em Córdoba no dia 18 de abril, Barreda informava a Ybañez que depois de muito refletir, concluiu “(...) que ni a VR ni a esta Provincia le combiene el que VR este en essa Ciudad, y en esse Colegio, y por tanto para prevenir idas y venidas de Cartas (...)”¹², e solicitava a presença dele no Colégio de Córdoba. Com a finalidade de garantir a execução da ordem, Barreda invocou ainda o *Precepto de Obediencia*, recurso que a Companhia dispunha para evitar *intersesiones de externos* em assuntos desta natureza. Ainda mais que o Provincial tinha conhecimento das amizades cultivadas pelo futuro capelão desde o seu desembarque em Buenos Aires. E agregava que a sua ordem deveria ser atendida “sin excusa ni propuesta”, pois havia receio que ele recorresse a expedientes protelatórios e não comparecesse a Córdoba.

Ao receber a notificação formal de comparecimento à Córdoba, como era esperado, Ybañez se negou a cumprir a ordem do seu Superior e permaneceu em Buenos Aires. Sua reação, ao contestar a ordem, foi atribuí-la à intriga dos seus inimigos, que estavam espalhando denúncias contra ele, levando-o a suspeitar que há uma trama para expulsá-lo¹³. Não aceitava que, para agradar os seus desafetos, para dissolver os rumores que circulavam a seu respeito, tivesse que se mudar para outro colégio¹⁴. Segundo Jose Mariluz Urquijo, um especialista na história colonial da região, o jesuíta vasco, além de ser um sujeito ególatra, também era um tanto tortuoso.

Diante da negativa de Ybañez em comparecer a Córdoba, no dia 11 de maio de 1757, ele foi comunicado oficialmente a respeito da sua expulsão da Companhia de Jesus. Ao receber a notificação, alegou que estava sendo afastado sem direito a uma justa defesa, como relata pontualmente, expondo seu entendimento do ocorrido. Nesse mesmo dia, foi despojado de sua sotaina não sem antes convencer os portadores da ordem a assinarem uma ata registrando a sua expulsão,¹⁵ avaliada por ele como violenta. Este foi um episódio marcante, talvez o mais dramático na trajetória desse jesuíta, a se julgar pela maneira como ele descreve o ocorrido. Sua indignação decorria do fato de que, como sustenta em suas cartas, não havia fundamento legal para sua expulsão. Julgava que fora vítima de um arbítrio.

Ao analisar as cartas recebidas por Ybañez, é possível entender o seu empenho em mover pessoalmente sua defesa, pois a ordem de expulsão fora assinada pelo Provincial Barreda no dia 17 de abril¹⁶, portanto um dia antes de ele redigir a notificação requisitando seu comparecimento ao Colégio de Córdoba. Tal fato levou Ybañez a concluir que a expulsão já estava decidida e sua sorte sacramentada quando recebeu a ordem do Provincial. Reiterava a todos, por escrito, que foi alvo de uma grande injustiça, pois não teve sequer o direito a um julgamento.

A ESCRITOFILIA DE YBAÑEZ

Por meio da correspondência de Ybañez com alguns jesuítas peninsulares, com os quais ainda man-

tinha contato durante sua estadia na América, e através de informações que constam na sua defesa, é possível acompanhar os fatos que precederam a sua expulsão, exatamente quando ele julgava que estava para receber uma retribuição pelos serviços prestados.

A defesa foi elaborada por ele próprio, pois o seu pedido não foi submetido a um tribunal eclesiástico. A Companhia de Jesus alegava que, uma vez demitido da ordem, o eclesiástico não gozava mais das prerrogativas que dispunha outrora. Assim, o material de defesa está constituído pelo conjunto de documentos que ele já havia reunido, bem como cartas pessoais e outras correspondências a que teve acesso. Como peça de defesa, apresentava documentos, segundo ele, originais. Esses documentos ele recebeu do padre Gervasoni e tratou logo de transcrevê-los. Igualmente escreveu a muitas autoridades e pessoas que julgava influentes, solicitando para intercederem a seu favor¹⁷. Como estava empenhado em promover a sua defesa, em articular possíveis apoios, escreveu intensamente, demonstrando pleno domínio da tradição da *ars dictaminis*.¹⁸

Sua capacidade gráfica também se faz notar nas folhas iniciais de alguns escritos, quando procurava imitar a página inicial de uma obra impressa. Consumia bastante tinta, a se julgar pela correspondência que manteve com o padre missioneiro Jose de Cardiel, de quem recebeu orientações de como produzir tinta a partir dos recursos disponíveis na região¹⁹. Afinal, o que o levou a redigir uns 3 ou 4 livros? Em que condições escreveu esses manuscritos?

Portanto, meu interesse é indagar sobre o Ybañez escritor, sua trajetória analisada a partir dos pressupostos da história social da cultura escrita. Nos últimos anos, as investigações históricas orientadas a partir dessa perspectiva têm privilegiado a análise das funções, usos e práticas relacionadas com o escrito²⁰. Os procedimentos metodológicos em questão têm fornecido algumas pistas e subsídios importantes para investigar os materiais escritos e desvendar os significados subjacentes à expressão gráfica. A prioridade é conhecer as distintas intenções que nortearam o ato de escrever e as suas relações com o poder: Assim, a escrita é concebida como um conjunto de práticas que permite compreender distintas transformações operadas em uma determinada sociedade, e que podem expressar os

valores e condutas de uma época.

A importância das informações que circulavam por escrito, nesse contexto de disputas e polêmicas, é referida por Ybañez. Inclusive menciona que seus inimigos ficavam preocupados quando ele se retirava para sua cabana e começava a escrever. Certamente tinha um grande desejo de vingança, principalmente direcionado aos jesuítas paraguaios, aos quais acusava de fanáticos. Segundo Guillermo Kratz, o “(...) odio y deseo de venganza movieron la pluma de aquel infeliz apasionado”.²¹

Contudo, escrever de modo frequente e constante também podem comportar outras motivações. Segundo James Amelang, a escrita pessoal está marcada pelas experiências excepcionais, aos fatos marcantes na trajetória dos indivíduos, tais como cativo, ameaças ou perseguições²². Nesse aspecto, o empenho e afincamento com que ele trabalhou nos seus textos, dos quais remanescem várias provas desse esforço escriturário, é que permitem indagar esta personagem para além do binômio já conhecido, no caso o ódio e o posterior desejo de vingança.

Creio que há pelo menos duas motivações explícitas para compreender a escritofilia - o apego à escrita de Ybañez nos anos que esteve sob a proteção real, pois, mesmo após ser expulso da Companhia de Jesus, enquanto preparava sua defesa e tentava reverter a ordem de expulsão -, ele permaneceu na região junto às comissões demarcadoras. Tempo que aproveitou para escrever muito, com grande voracidade e provocativa ironia. Era ciente dos efeitos que seus textos poderiam causar, pois comenta que “[...] sin saber apunto fijo lo que es, tanto la irrita contra mi, es averle comunicado los espías, de que nos cerca, que desde que entre por Nov. de 1757 en San Nicolas, no he dejado de escribir, y que ni son cartas, ni sermones los que escribo, y que antes a nadie digo lo que es sin duda debe de remorderle la consciencia quando tantos temen mi pluma contra si”.²³

E o segundo motivo decorre do respaldo e da proteção da Coroa espanhola, que permitiu que ele fosse mantido no cargo de capelão, quando as comissões demarcadoras estavam retomando seus trabalhos em 1757, depois de encerrados os conflitos com os indígenas das reduções. Depois de desligado da ordem jesuítica ele criticou abertamente a conduta de seus ex-colegas, independente de atuarem na região ou não.

Destilava toda a sua fúria escrevendo cartas acusatórias aos seus desafetos, mas também procurou angariar aliados para a sua defesa através de inúmeras correspondências²⁴. Igualmente as cartas serviam para amenizar a sensação de solidão e aliviar a angústia que sua condição implicava. Uma parte dessa correspondência e dos textos elaborados por Ybañez estão reunidas em uma caixa no Arquivo Histórico Nacional, em Madri.²⁵

O OFÍCIO DE CRONISTA DA ORDEM

A correspondência mantida com o padre Miguel Pardo, *maestro* de Letras Humanas que veio da Espanha com Ybañez, é reveladora da expectativa dele em relação a seu futuro e de uma possível ascensão dentro da ordem. No dia 16 de janeiro de 1757, o padre Miguel escreveu uma carta, datada em Córdoba, no intuito de retomar o contato com Ybañez, pois não recebia notícias do colega desde a sua partida desta cidade. Nessa correspondência mencionava que havia acontecido algo notável que dizia respeito tanto a Ybañez quanto à História da Província (Jesuítica). Relatava que o Padre José Guevara deixaria de desempenhar a função de Historiador da ordem, pois ele havia declinado desse ofício, e solicitava que fosse designado para exercer qualquer outra ocupação na região. Ademais, não gostava muito de Buenos Aires e tampouco demonstrava interesse pela função de cronista, motivo pelo qual o nome de Ybañez havia sido cogitado para assumir o posto de escritor geral da Ordem. Contudo, o seu nome foi preterido. Supostamente Guevara tomou outra decisão, ou foi persuadido a permanecer no cargo e seguiu exercendo a função de cronista²⁶. Porém, segundo a avaliação do P. Miguel Pardo, tal desistência está relacionada a outra questão: “Yo temo según alguna otra vez no hayan dejado de elegir a V.R no admitiría o si admitia de que usaría de alguna satyra respecto de las cosas de Provincia. Yo no se si esto que digo tiene buen fundamento, no si es por esto la suspensión de la determinación”.²⁷

A avaliação do padre Miguel tem seu fundamento. Este cargo era muito valorizado, pois as narrativas de cunho histórico geralmente eram produzidas por membros da própria Província Jesuítica do Paraguai, e requeria um exame minucioso antes de serem

publicadas. A Companhia de Jesus sempre foi muito cuidadosa quanto ao que se divulgava, e as crônicas ocupavam um lugar de destaque nessa tarefa. Demonstravam os jesuítas preocupação em transformar a experiência missionária em relato histórico. Tais textos deviam apresentar de forma exemplar e edificante a história dessas reduções.²⁸

A resposta de Ybañez não tardou muito e no dia 3 de fevereiro ele escreveu desde Buenos Aires, agradecendo ao colega pela consideração e comentando que

estimo a V.R la noticia que meda y el exhorto, que me haze, pero esta Provincia no esta oy para historiar sus cosas, mucho menos las ajenas aunque sean las anteriores al Negocio del Tratado, que concivo va a ser su ruina por la resistencia que le ha hecho. Ay orden superior para que a mi no se me pueda dar en ella destino alguno, pues tengo ya el de Capellan de la 1ª Partida, y aunque este parezca tan inferior al que por ay se pensaba darme, **pues no todos pueden ser Historiadores, y para capellanes sobran Frayles de Missa y Olla, yo le aprecio mucho mas, pues me saca de la común masa de corrupción por lo menos por el tiempo que yo necesito para negociar en Roma se me permita salir de esta infeliz y obcecada Provincia** [Grifo meu].²⁹

Este aspecto pouco conhecido a respeito da atribulada trajetória de Ybañez em terras americanas pode ter influenciado sua maneira de agir, quando procurou interferir no rumo dos acontecimentos após a sua expulsão, pois, apesar do tom nitidamente desdenhoso, ele ficou lisonjeado com a lembrança de seu nome para a função de cronista e avaliava que a suspensão do seu nome tinha sido obra do padre Provincial, que intercedeu e manteve Guevara na função de cronista da ordem.

No final dessa carta, ainda comentava que estava muito ocupado, visto que nesse momento se encontrava "(...) metido en tal faena de Sermones, que creo predicara en estos tres meses mas que juntos todos los Padres de esta Ciudad"³⁰. Como sempre, Ybañez não perdia a oportunidade de criticar seus colegas "nati-

vos" de batina preta, e reforçava o desejo deixar o mais rápido possível a Província do Paraguai, tendo inclusive solicitado a sua transferência para a Província do Peru³¹. Segundo suas próprias palavras, "Yo, que soy tan desigual a sus luces, he sido bien desgraciado en meterme en su circo, y me contaria feliz si alguna piadosa mano me sacasse de el, y me colocasse en algún rincón de nuestra Peninsula, de adonde me saco la ignorancia de las cosas, que pasabe en este Pais".³²

Pelo exposto, fica evidente que se sentia um estranho no ninho, pois tinha uma percepção distinta dos demais missionários em atuação, aos quais referia frequentemente como seus inimigos. Ademais, julgava que, devido às manifestações de desacordo dos jesuítas frente à execução do Tratado de Limites, esta conduta resultaria na ruína, desgraçando toda a ordem. Julgava-se um fiel defensor da monarquia e não um traidor, motivo mais que suficiente para seu desconforto em relação aos demais.

O MEMORIAL DE 1759

Em 1759, com a mudança monárquica decorrente da morte de Fernando VI e a ascensão de Carlos III ao trono de Espanha, Ybañez elaborou um Memorial para ser apresentado ao novo Rei através do seu protetor na América, o Ministro Ricardo Wall. Nesse Memorial - um conjunto laudatório de cartas -, informava a respeito de suas últimas realizações no período que esteve instalado no acampamento em São Nicolau. Entre outras coisas, procurava garantir a proteção do novo monarca, alegando que "[...] no teniendo yo arte, ni parte en que el Real Tratado se aya disuelto, si S.M abandona com el mi Causa, y Manutencion, vengo a quedar no siendo inferior mi mérito, de peor calidad que todos los que han empleado en esta Comision [...]", esclarecendo que não haviam perdido o emprego, sendo ele o único que ficou privado do seu trabalho, além de perder a sua honra, motivo pelo qual rogava ao Rei que, para seu sustento, "[...] a lo menos me continue el mismo Sueldo, o me señale um equivalente em algun beneficio Eclesiástico que me ponga en estado de acabar mis dias en el sosiego [...]"³³

Tal documentação é mais informativa, e talvez menos enfurecida, pois seu escopo é tornar "[...] visi-

ble al Mundo que lo que se ve a la luz del medio día la justificada Conducta de S.M y su Real Ministerio en orden a los jesuitas en este Assumpto de la Linea [...]”³⁴. Motivo pelo qual vale destacar que este Memorial difere das demais cartas de caráter pessoal. Ele contém algumas pistas que podem contribuir para melhor compreender os motivos que levaram Ybañez a tomar a pluma com tamanha avidez.

Um aspecto que merece atenção, mencionado pelo próprio Ybañez, é o fato de ele nunca ter feito a “Profession Solemne”, no caso completando todos os quatro votos que a Companhia de Jesus exige dos seus membros. Na prática, a *Profession Solemne* constitui-se no último passo dos votos professos³⁵. Na igreja, o clero faz três votos para ser um professo: obediência, castidade e pobreza, mas algumas ordens podiam incluir um quarto voto, específico. No caso da Companhia, esse era um voto de obediência ao Papa. Assim, um jesuíta só faz a *Profession Solemne* quando termina todos os votos. Muito provavelmente, parte do seu ressentimento decorria do fato de não terem lhe concedido a ascensão a Professo de quatro votos.³⁶

Ainda ao elaborar o Memorial, ele esclarece por qual via obteve acesso às cartas de vários jesuítas, material que utilizou nos seus escritos. Informa ao seu protetor que o padre Carlos Gervasoni, Procurador Geral da Província do Paraguai na Europa, por um descuido, lhe entregou as cartas que havia recebido dessa Província. E que por uma mera casualidade esta correspondência veio junto com a sua bagagem, em um baú no ano de 1755, quando embarcou para a América. Cartas estas que Ybañez tratou de transcrever, constituindo um acervo particular a partir da cópia meticulosa.

Quando ele trasladou estas cartas, tratou de escrever em papel *in quarto*, em duas colunas, e com uma letra pequena. São cópias de cartas de distinta natureza, desde “Carta Familiar de un Jesuíta del Paraguay a otro Jesuíta de España”; a “Cedula del Rey N. S.r, Noticias de nros Jesuítas del Paraguay en estas cryticas Circunstancias”; “Copia de la carta, que el 19 de Enero de 1753 escribe el P. Joseph de Barreda de la Comp.a de JHs Prov.l del Paraguay a los PP. Curas de las Misiones de los Pueblos del Parana, Uruguay &c”. As cópias foram realizadas pelo próprio Ybañez, como se pode inferir pela caligrafia, pois todas as transcrições apresentavam a mesma letra.³⁷

Esta constatação dispara uma pergunta: por que ele transcreveu tantas cartas? Qual a finalidade destas cópias? O certo é que este material chegou às suas mãos quando ainda estava na Espanha, portanto antes de sua expulsão. Como hipótese, podemos aventar que talvez estivesse elaborando, ou compilando provas e dados para elaborar algum texto. Porém, sabemos que estudar também era sinônimo de trasladar pessoalmente, uma prática que se exercitava desde estudante e conhecida como a pedagogia do traslado³⁸. Estaria Ybañez apenas estudando a correspondência interna da Companhia de Jesus no Paraguai, ao realizar as cópias, ou reunindo provas e informações? Qual seria a finalidade? Estaria ele formando sua própria coleção, seu arquivo particular, para utilizar em algum escrito?

Pelo exposto fica a impressão de que ele atuou como um cronista, como aqueles que costumavam elaborar suas próprias coleções, reproduzindo alguns documentos originais. Em todo caso, este procedimento demonstra que ele tinha interesse em dispor de um acervo pessoal para consulta. Os cuidados nas transcrições são reveladores do seu conhecimento das normas e práticas que regem os protocolos da cultura escrita.

Sua escritofilia é acentuada durante a permanência no acampamento de São Nicolau, quando esteve sob a proteção real, e aproveitou para escrever em grande profusão. Em maio de 1758, já estava empenhado na elaboração de algumas obras, as quais menciona no Memorial redigido em 1759. Nessa correspondência, Ybañez arrola os 4 textos em que estava trabalhando. Três deles com títulos e uma outra, segundo ele, de “mas largo haliento”, sem um título específico.

O primeiro texto que menciona é a tradução do Diário em latim escrito por Tadeo Xavier Henis, documento localizado na redução de São Lorenzo, pelo governador Jose Joaquim Viana, em 20 de maio³⁹. Esclarece que organizou a transcrição em três colunas, uma dedicada ao texto latino do diário, a segunda à sua tradução literal do idioma espanhol e, por fim, uma terceira coluna dedicada a notas e apêndices. Esta última coluna estava dedicada a fornecer informações adicionais, com a finalidade de esclarecer alguns temas principais, que não cabiam em notas à margem do texto. Segundo sua opinião, sem estas notas o texto original

era ininteligível. Esta obra recebeu o título de *Diário o Ephemerides de La Guerra Guaranítica*, e o texto de Henis foi alvo de alterações comprometedoras, visando implicar os jesuítas na oposição indígena ao Tratado de Limites.⁴⁰

A segunda obra que menciona foi apresentada a Eduardo Wall, sobrinho de seu protetor Ricardo. Segundo Ybañez, trata-se de um Poema Épico que ele atribuiu o título de *El Reyno Jesuítico*. Deste poema não temos notícias, mas sabemos que dele foi aproveitado o título geral conferido à obra que se tornou alvo de muitas contestações. E a terceira obra citada recebeu o título de *Historia de la Demarcación de Limites de las dos Coronas de Espanha y Portugal por lo tocante al Sur de esta America Meridional*, um compêndio narrando os episódios verificados com a assinatura do Tratado até os últimos acontecimentos. E por fim, depois de descrever as obras acima, faz referência a outro texto, que tratava das *Desordenes, y Abusos de los Jesuítas de las 12 Prov.as de la Monarchia Española para su Reforma*.

Diante das informações que figuram nesse Memorial, onde fica evidente o investimento de Ybañez em elaborar uma versão dos acontecimentos que estava presenciando, cabe uma pergunta: por acaso Ybañez não acabou desempenhando, à summa maneira, as funções de um cronista extra-oficial da ordem? Afinal, seus textos são registros a partir do prisma de um desafeto, um ex-jesuíta, envolvido nos polêmicos episódios registrados na Província do Paraguai. Vale recordar que ele nunca atuou em uma redução, esteve na região por três anos sem desempenhar as tarefas de um missionário entre os indígenas. Em todo caso, permaneceu no território implicado na permuta e teve acesso a informações diretas, das intrigas e maledicências entre os comissários demarcadores.

O que surpreende são os procedimentos adotados na elaboração dessas obras, pois são típicos do labor de um historiógrafo. Possivelmente ao cogitarem o seu nome, para exercer este ofício, despertou seu interesse pela atividade de cronista. Ao que tudo indica, como foi preterido da função de cronista e afastado da ordem, ele decidiu dedicar seu tempo ocioso à redação de algumas obras. Sabemos que trabalhou a partir de uma fonte manuscrita, elaborada por um testemunho presencial, no caso Tadeo Henis, que esteve diretamente envolvido

no epicentro dos conflitos. Igualmente, não se pode negligenciar que ele utilizou uma quantidade expressiva de documentos, cópias obtidas em circunstâncias inesperadas, como o conjunto de cartas que recebeu das mãos do padre Carlos Gervasoni e que cita com frequência em seus escritos. Apesar da falta de isenção de Ybañez na transcrição de documentos, as cópias realizadas da correspondência dos religiosos da Companhia de Jesus não são alvo de críticas por falsidade. O problema eram as interpretações tendenciosa diante das inferências sempre hostis e adversas aos jesuítas.⁴¹

No seu conjunto, o empenho escriturário de Ybañez visava produzir, a partir de dados confiáveis, um repertório de informações que fosse útil à Monarquia. Na carta de apresentação ao Memorial, ele expressa que gostaria de algum dia ter “[...] el honor de presentar al Rey por manos de V.E” as suas obras⁴². É evidente a intenção adulatória, pois procurava agradar o monarca, fornecendo argumentos contrários à Companhia de Jesus nos episódios da demarcação. Porém, agora a mágoa de Ybañez não está mais dirigida exclusivamente aos jesuítas em atuação no Paraguai, mas atinge a todos os membros da Companhia, independente do continente ou província. O ataque é geral ao *modus operandi*, a todos seguidores de Ignácio de Loyola.

Em seu empreendimento de denúncia, sentiu-se reconfortado quando soube da publicação da *Relação Abreviada*, no ano de 1757, em Lisboa⁴³. Mesmo que se trate de uma obra anônima, esse texto foi atribuído ao Marquês do Pombal, desafeto confesso dos jesuítas. No final da *Relação*, estão anexadas três traduções à língua portuguesa de documentos escritos pelos guaranis⁴⁴. Estes papéis foram apreendidos em território missioneiro e depois de traduzidos receberam títulos fictícios para colocar sob suspeita o trabalho dos jesuítas. Através desse expediente, visava-se semear a dúvida e comprometer a atuação desses religiosos na América. Nesse opúsculo estava sendo denunciada a suposta existência de uma “república” estabelecida pelos missionários da Companhia de Jesus no Paraguai, acusando-os também de incitar e promover a oposição indígena à execução dos trabalhos de demarcação. Frente às acusações contidas no “librito português” - como era conhecida depreciativamente pelos jesuítas a *Relação Abreviada*,

esta obra foi contestada à exaustão por alguns expertos da ordem.⁴⁵

O fato é que a publicação dessa obra funcionou como um lenitivo para Ybañez, pois a circulação impressa contribuiu sobremaneira para fragilizar a situação política da Companhia de Jesus, alvo de inúmeras críticas em uma época de despotismo esclarecido, cujo resultado foi a expulsão dos jesuítas da América portuguesa, exatamente no ano de 1759. As informações veiculadas nessas páginas cumpriram o papel de uma peça a mais no processo de desgaste da Companhia de Jesus, e perda crescente de influência junto às monarquias Ibéricas⁴⁶. A difusão que teve tal obra, aliada às críticas à administração das reduções no Paraguai - onde os jesuítas estavam sendo acusados de controlarem um Estado-, culminou com a posterior expulsão desses religiosos da América hispânica, em 1767.

DE VOLTA À PENÍNSULA IBÉRICA

Com a morte do seu primo, Juan de Echevarria, em Buenos Aires, no dia 5 de abril de 1761, e o regresso à Espanha do Marques de Valdelirios, Ibañez decide voltar para a Península Ibérica. Receava ficar sem proteção e a mercê de Pedro de Cevallos, autoridade maior na região, com quem tinha muitas desavenças.

No seu retorno à Espanha, tratou de acionar seus contatos para obter algum benefício, ou qualquer reconhecimento por parte da Monarquia. As obras que escreveu contra os jesuítas, enquanto estava no acampamento, foram concluídas em Buenos Aires e sua versão final ficou pronta entre março e abril de 1762, ano de seu falecimento. Em vida, não chegou a ter nenhuma de suas obras publicadas, ou como se referia, à “luz pública”. E esta era uma das suas pretensões, como deixa transparecer, que as suas obras tivessem uma maior difusão, no caso, através da imprensa.

Os jesuítas foram expulsos da Espanha quando Carlos III, por influência dos seus ministros, executou uma ação espetacular e decisiva em relação à monarquia hispânica com a Igreja: decretou a Sanção Pragmática, em 27 de fevereiro de 1767⁴⁷. As medidas a serem adotadas, para proceder à retirada dos jesuítas dos domínios hispânicos, estavam previstas nas Ins-

truções Gerais, expedidas em Madri em 1.^º de março desse ano, ocasião na qual o conde de Aranda orientava os responsáveis pela execução da real pragmática para minimizar as possibilidades de atritos e divergências.⁴⁸

A expulsão inaugurou uma época de crescente interesse por textos cujo conteúdo fossem informações que reforçassem a propaganda contrária aos jesuítas. Nesse contexto, foi publicado em 1768, em Madri, um impresso que, além de conter a *Relação Abreviada*, devidamente traduzida ao idioma espanhol, ainda incluía o polêmico *Diário de Tadeo Henis* com as alterações efetuadas por Ybañez ao traduzi-lo para o espanhol. Essa obra recebeu o título de: *Causa Jesuítica de Portugal, o documentos autênticos, bulas, leyes, reales, despachos de la secretaria de estado, y otras piezas originales, que precedieron a la reforma y motivaron despus la Expulsión de los Jesuítas de los Dominios de Portugal. En que se halla la República del Paraguay, y Marañón, Que contiene la relación de Guerra que sustentaron los jesuítas, contra las tropas españolas, y Portuguesas, en el Uruguay, y Parana*, sendo publicada pela *Imprenta Real de la Gazeta*. Mesmo sem fazer referência ao seu autor, hoje sabemos que se trata de um texto cujo autor era Bernardo Ybañez. Passados dois anos, em Madrid, foi editada a *Colección General de Documentos*, organizada em 4 volumes, sendo o último dedicado ao *Reyno Jesuítico*, agora com a autoria atribuída a Ybañez, e acrescida do *Diário de Henis*⁴⁹. Esta publicação provavelmente reunia o material que ele fez referência no memorial de 1759 e que agora estava reelaborado e finalizado. Essas duas obras, na avaliação de Furlong, foram as responsáveis por envenenaram a corrente critica universal contra a Companhia de Jesus.

É evidente que o *Reyno* foi concebido com uma declarada finalidade polemicista, ou seja, como uma peça de acusação contra a atuação dos jesuítas durante a demarcação de limites. Procurava comprovar que estes religiosos haviam criado um Estado independente, com soberania e controlado pelo Geral da Ordem. Esta obra serviu de argumento para embasar muitas das críticas daqueles que condenavam o fervor religioso dos soldados de cristo, pois, segundo Ybañez, ela demonstraria com provas irrefutáveis que o *Reyno* foi “Por siglo y medio negado, y oculto, hoy demonstrado y descubierta” e que esta revelação seria mediante o acréscimo

dos mais “[...] clásicos documentos, hechos, y confession de Parte De los mismos P.Ps de la Compañía, con que se evidencia, y manifiesta”⁵⁰. Trata-se de uma obra documentada, como consta no subtítulo.

Na versão manuscrita do *Reyno Jesuítico*, há mais uma evidência, um indício da valorização do formato impresso. A página de abertura é uma reprodução fac-símile, tal como se fosse uma edição impressa. Fato compreensível, pois sabemos que a imprensa era largamente conhecida pelos jesuítas, que sabiam muito bem o alcance que supunha esta forma de circulação, bem como da cópia manuscrita⁵¹. Tal cuidado pode ser uma sinalização do público alvo que ele almejava. Porém, também demonstrava plena consciência do interesse que sua obra poderia despertar, caso fosse impressa, ainda mais depois da repercussão da *Relação Abreviada*, recentemente publicada.

Ao elaborar manualmente os caracteres da primeira página do *Reyno Jesuítico*, ele muito provavelmente procurava sinalizar que se tratava de um texto estabilizado, que não sofreria acréscimos ou alterações. Nessa obra, ele narra os contratemplos que enfrentou durante sua estada na América meridional. O resultado foi uma interpretação tendenciosa, adversa aos jesuítas, escrita no calor dos enfrentamentos e que registra as controvérsias que marcaram aquele período. É um relato singular, muito crítico ao *modus operandi* dos inicianos, fato que confere a ele um valor único na historiografia jesuítica, pois é o registro de uma década conturbada, marcada por muitas desconfianças e manipulações, com destaque para as acusações contra a Companhia de Jesus e a suspeita quanto à fidelidade da ordem em relação à Monarquia.⁵²

O fato é que a *arts scribendi artificialire* somente foi aplicada a um testemunho escrito de Ybañez quando as autoridades espanholas, depois de consumada a expulsão, sentiram a necessidade de justificar perante a opinião pública a decisão tomada pelo monarca. Um texto manuscrito poderia ser submetido à impressão, sempre que se objetivava uma difusão ampliada e, principalmente, se havia interesse que o mesmo fosse dado por concluído, sacramentando a versão final. Agora havia chegado o momento propício para difundir tipograficamente a obra desse polêmico ex-jesuíta.

CONCLUSÕES

A vasta produção escrita desse jesuíta, duplamente expulso da ordem, exatamente em um período de modernização da monarquia espanhola, serviu de combustível para inflamar os ânimos daqueles que defendiam a adoção de medidas de centralização política, acirrando as críticas aos privilégios que desfrutavam os jesuítas.

Muitas dos argumentos apresentados por Ybañez foram aproveitados pelos opositores dos jesuítas no Paraguai, principalmente aqueles que tiveram acesso aos seus escritos enquanto estava no acampamento sob a proteção real. Ao que tudo indica, suas obras, ainda manuscritas, tiveram um público limitado, circunscrito àqueles que estavam envolvidos com a demarcação na América. Porém, tanto nos escritos do Conde de Campomanes como nos de Félix de Azara, há evidentes sinais das avaliações formulados por este jesuíta banido da ordem, exatamente entre aqueles sujeitos que influenciaram na expulsão da ordem.

De fato, as suas opiniões lhe valeram muitos desafeitos na América, em parte por conta de sua conduta ególatra, e outra por sua capacidade retórica. Digamos que ele pouco trabalhou para *Ad Majorem Dei Gloriam*, já que a única glória que lhe interessava era a sua própria. Suas pretensões não foram nada modestas, o que explica seu interesse na condução de sua defesa, pois ele visava obter uma retratação ainda na América. Enfim, um sujeito muito vaidoso e astucioso que fez da cultura escrita um instrumento para a sua ação. Sabia muito bem os feitos que a circulação de papéis poderia provocar. Um homem de letras que acionava a pluma como uma arma contra aqueles que julgava seus inimigos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alcir Pécora, “Cartas à segunda escolástica”, in *A outra margem do Ocidente*. Aduato Novaes (Org.), São Paulo, Companhia das Letras, 1999;

Antonio Castillo Gómez (org.), *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*, Barcelona, Gedisa, 1999;

----. “Entre public et Privé. Stratégies de l’écrit dans l’Espagne du Siècle d’Or”, *Annales HSS*, 2001, 4-5, pp. 803-829.

----. *Entre la pluma y la pared*. Una historia social de la escritura en los siglos de oro, Madrid, Akal, 2006;

Antonio Castillo Gómez & Veronica Blas Sierra. *Cartas- Lettres-Lettere*. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglo XIV-XX), Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2014;

Antonio Ferrer del Río, *Historia del Reinado de Carlos III en España*, Madrid, 1856;

Antonio Viñao Fraga. Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones, *SIGNO*. Revista de Historia de la Cultura Escrita, Universidad de Alcalá de Henares, n. 3, 1996, pp. 41-68;

Armando Petrucci, *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Prólogo de Roger Chartier y Jean Hébran, Barcelona, Gedisa, 1999;

Bartomeu Meliá & Liane Maria Nagel, *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones*. Una bibliografía didáctica, Santo Angelo/RS: URI, Centro de Cultura Misionera: Asunción, CEPAG, 1995;

Bernardo Ybáñez Echavarrí, *El Reyno jesuítico del Paraguay...* Colección general de documentos tocantes a la terceira época de las comociones de los regulares de la Compañía de Jesus, Madrid, 1770;

Carlos Alberto Gonzáles Sánchez, *Homo viator, homo scribens*: cultura gráfica, información y gobierno en la expansión atlántica (siglos XV–XVII), Madrid, Marcial Pons Historia, 2007;

Eduardo Neumann. *Letra de índios*: cultura escrita, comunicação e memória indígena nas Reduções do Paraguai, Nhanduti, São Bernardo do Campo, 2015;

Efraim Cardozo, *Historiografía paraguaya: I - Paraguay indígena, español y jesuíta*, México, Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1959;

Fernando Bouza, *Imagen y propaganda*: capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II, Madrid, Akal, 1998;

----. *Del escribano a la biblioteca*. La civilización escrita en la Alta Edad Média (siglos XV-XVII), Madrid, Síntesis, 1992;

----. *Imagem e propaganda*. Capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II, Madrid, Akal, 1998;

----. *Corre manuscrito*: una historia cultural del Siglo de Oro, Madrid, Marcial Pons, 2001;

Francisco Xavier Brabo, *Colección de documentos relativos a la expulsión de los jesuítas de la Republica Argentina y del Paraguay en el reinado de Carlos III*, Madrid, Estudio Tipográfico José María Pérez, 1872;

Guillermo Furlong, “El expulso Bernardo Ybáñez de Echavarrí y sus obras sobre las misiones del Paraguay”, in *Archivum Historicum Societas Iesu*, Roma, 1933, pp.25-35;

Guillermo Kratz (S.J.), *El tratado Hispano-Portugues de limites de 1750 y sus consecuencias*. Estudio sobre la abolición de la Compañía de Jesus. Roma, Institutum Historicum S.I, 1954;

James Amelang, *El vuelo de Ícaro*: La autobiografía popular en la Europa moderna, Madrid, Siglo XXI, 2003;

Jose Maria Mariluz Urquijo, “Clima Intelectual rioplatense de mediados del setecientos. Los limites del poder real” (Estudio preliminar), in *De la Justicia del Tratado de Limites de 1750*, Academia Nacional de la Historia, Buenos Aires, 1988, p. 21;

----, *La sociedad rio platense del siglo XVIII a traves de los sermones*, PUC/ Buenos Aires, 2008;

--, Maria Mariluz Urquijo, “La historiografía rio-platense sobre el Tratado de Madrid (1750-1850)”, in *El tratado de Tordesillas y su época*. Congreso Internacional de Historia, Vol III: La ejecución del tratado y sus consecuencias. Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas, 1995;

Magnus Morner, *Actividades políticas y economicas de los Jesuítas en el río de la Plata*, Buenos Aires, Hyspamerica, 1986, [1 edição, 1968];

Mario Olímpio Clemente Ferreira, *O Tratado de Madrid e o Brasil meridional: os trabalhos dos demarcadores das Partidas do Sul e sua produção cartográfica (1749-1761)*, Lisboa, Comissão Nacional para Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001;

Rafael Carbonell de Masy, “Génesis y consecuencias de una obra: efemérides de La guerra de los Guaraníes, atribuida al P. Tadeo Enis, S.J”, in *V Jornadas Internacionales Misiones Jesuíticas*, Montevideo 1994. Montevideo, 1994;

Relação abreviada da república que os religiosos das províncias de Portugal e Hespanha, estabelecerão nos Dominios Ultramarinos das duas monarchias. E da guerra, que neles tem movido, e sustentado contra os Exercitos Hespanholes, e Portuguezes; e por outros documentos authenticos. Lisboa, [s.n.], 1757;

Ricardo García-Villoslada, *Gran Enciclopedia Rialp*, 1991. In: http://www.mercaba.org/Rialp/J/jesuítas_compania_de_jesus1_historia.htm.

NOTAS

- 1 . Esta frase consta na carta de apresentação junto ao memorial elaborado por Bernado Ybáñez em janeiro de 1759. “Ni V. E ignora que no he tenido ociosa la Pluma, y que la he empleado en assumptos que a no haverse disuelto el Tratado, huvieran sido plausibles”. Archivo Histórico Nacional. A.H.N (Madrid), Estado, 4386, doc 141.
- 2 . Esta pesquisa foi desenvolvida durante o estágio de pós doutorado sênior, entre maio e dezembro de 2015, junto a Universidad de Alcalá/Espanha, com bolsa da Capes. Processo CAPES/BEX: 5949/14-9.
- 3 . O trabalho de demarcação da nova linha de fronteira entre as possessões coloniais ibéricas acabou por se transformar em uma impressionante aventura. Foram deslocados para a região geógrafos, astrónomos, matemáticos, desenhistas e engenheiros para definirem o traçado e a representação cartografia dos novos limites. Ver: Mario

- Olimpio Clemente Ferreira, *O Tratado de Madrid e o Brasil meridional: os trabalhos dos demarcadores das Partidas do Sul e sua produção cartográfica (1749-1761)*, Lisboa, Comissão Nacional para Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001.
- 4 . Durante a Idade Moderna na Espanha, o uso da escrita "estaba producindo una paulatina *escriturización* de la sociedad, en la que la escritura terminará por afectar de una forma u otra a capas cada vez más amplias de la población". Fernando Bouza, *Imagen y propaganda: capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II*, Madrid, Akal, 1998, p. 40.
 - 5 . Guillermo, Furlong, "El expulso Bernardo Ybáñez de Echavarrí y sus obras sobre las misiones del Paraguay", in *Archivum Historicum Societas Iesu*, Roma, 1933, pp.25-35.
 - 6 . Jose Maria Mariluz Urquijo, "Clima Intelectual rioplatense de mediados del setecientos. Los límites del poder real" (Estudio preliminar), in *De la Justicia del Tratado de Límites de 1750*, Academia Nacional de la Historia, Buenos Aires, 1988, p. 21.
 - 7 . Jose Maria Mariluz Urquijo, *La sociedad rio platense del siglo XVIII a través de los sermones*, PUC/ Buenos Aires, 2008, p.293.
 - 8 . Archivo Histórico Nacional (Madrid). Estado, Legajo 4386, doc 79.
 - 9 . Archivo Histórico Nacional (Madrid). Estado, Legajo 4386, doc 103.
 10. Archivo Histórico Nacional (Madrid). Estado, Legajo 4386, doc 103.
 11. A respeito da expulsão ver: Guillermo Kratz (S.J.), *El tratado Hispano-Portugues de límites de 1750 y sus consecuencias*. Estudio sobre la abolición de la Compañía de Jesus. Roma, Institutum Historicum S.I, 1954 (Ver Capitulo III, parte 2: El P. Bernardo Ibáñez y su expulsión, pp.184-197).
 12. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 74.
 13. Segundo Guillermo Furlong, a causa da segunda expulsão foi a mesma que havia provocado sua primeira expulsão no caso o seu *aseglaramiento*, ou seja, independência em relação ao Superior aliada o seu descontentamento por não ter sido indicado para a "profession solemne". Porém Furlong não esclarece em momento algum no que consistia a "profession solemne". FURLONG, *Op. cit.*, p.27.
 14. Guillermo Kratz. *Op. Cit.*, p.187.
 15. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 111.
 16. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 110.
 17. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 103.
 18. Para uma aproximação a importância que a correspondência desempenhou na organização da Companhia de Jesus e as suas funções, ver: Alcir Pécora, "Cartas à segunda escolástica", in *A outra margem do Ocidente*. Aduato Novaes (Org.), São Paulo, Companhia das Letras, 1999, pp. 380- 381.
 19. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 5.
 20. A respeito da questão da escrita e sociedade ver: Fernando Bouza, *Del escribano a la biblioteca*. La civilización escrita en la Alta Edad Média (siglos XV-XVII), Madrid, Síntesis, 1992; ----. *Imagen e propaganda*. Capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II, Madrid, Akal, 1998; Antonio Viñao Fraga. Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones, *SIGNO*. Revista de Historia de la Cultura Escrita, Universidad de Alcalá de Henares, n. 3, pp. 41-68, 1996; Armando Petrucci, *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Prólogo de Roger Chartier y Jean Hébran, Barcelona, Gedisa, 1999; Antonio Castillo Gómez (org.), *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*, Barcelona, Gedisa, 1999; Antonio Castillo Gómez, "Entre public et Privé. Stratégies de l'écrit dans l'Espagne du Siècle d'Or", *Annales HSS*, 2001, 4-5, pp. 803-829. ----. *Entre la pluma y la pared*. Una historia social de la escritura en los siglos de oro, Madrid, Akal, 2006; Carlos Alberto Gonzáles Sánchez, *Homo viator, homo scribens: cultura gráfica, información y gobierno en la expansión atlántica (siglos XV-XVII)*, Madrid, Marcial Pons Historia, 2007.
 21. Guillermo Kratz, *Op.cit.*, p.196.
 22. Sobre as motivações para a escrita, ver: James Amelang, *El vuelo de Ícaro: La autobiografía popular en la Europa moderna*, Madrid, Siglo XXI, 2003.
 23. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 135.
 24. Para uma aproximação a história das cartas e seus usos e materialidades, ver: Antonio Castillo Gómez & Veronica Blas Sierra. *Cartas- Lettres- Lettere*. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglo XIV-XX), Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 2014.
 25. Além da documentação conservada nesse arquivo, há outras informações referentes a trajetória desse jesuíta na América, especialmente na Real Academia de la História (Madrid) e no Arquivo Geral de Simancas (Valladolid).
 26. Jose Guevara, sucedeu o padre Pedro Lozano, falecido em 1752, na função de cronista oficial da ordem. Ele recompilou uma série de informações para elaborar uma nova versão da História da Província até o momento da expulsão da Companhia de Jesus dos domínios espanhóis em 1767. A sua obra, intitulada "Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucuman", pouco acrescenta em relação a elaborada por Lozano (1754), e foi impressa em 1836 em Buenos Aires na Imprenta del Estado, por intermedio de Pedro de Angelis. Somente em 1908 foi publicada (Magnus Morner, *Actividades políticas y economicas de los Jesuítas en el río de la Plata*, Buenos Aires, Hyspamerica, 1986, [1 edição, 1968], p. 156).
 27. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 37.
 28. Para uma descrição das sínteses históricas gerais, elaboradas pelos cronistas da ordem, que descrevem a história da região, ver: Bartomeu Meliá & Liane Maria Nagel, *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones*. Una bibliografía didáctica, Santo Angelo/RS: URI, Centro de Cultura Misioneira: Asunción, CEPAG, 1995, pp.41-48.
 29. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 001.
 30. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 001.
 31. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 103.
 32. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 001.
 33. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 141.
 34. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 142.
 35. "La Compañía de Jesus en su nacimiento, llamó la atención por la novedad de su instituto, que muchos -incluso teólogos y papas- no comprendían, ya que rechazaba muchas costumbres de las órdenes monásticas precedentes, como el oficio litúrgico en el coro; un hábito fijo y determinado; un preciso número de penitencias, ayunos, etc.; la emisión de votos simples al cabo de dos años de noviciado; la incorporación definitiva a la Orden solamente después de largos años de formación espiritual y científica, incorporación por medio de la **profession solemne** de cuatro votos (el cuarto es de obediencia especial al Romano Pontífice) o por los votos simples, pero públicos, de los coadjutores espirituales." Ricardo García-Villoslada, *Gran Enciclopedia Rialp*, 1991. In: http://www.mercaba.org/Rialp/J/jesuitas_compania_de_jesus1_historia.htm
 36. Agradeço a Artur Henrique Franco Barcellos pela leitura prévia deste texto, por suas preciosas críticas e oportunas sugestões, bem como os comentários a respeito da "Profession Solemne".
 37. AHN. Estado 4386. Correspondência Jesuítica (Exp.001, doc. 040-048)
 38. Fernando Bouza, *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001, p. 57.

39. O original em latim desse Diário, escrito com uma letra muito pequena, está depositado no Archivo General de Simancas (Valladolid). A.G.S. Estado, Legajo 7400.
40. A respeito da polêmica sobre as versões dessa obra ver: Rafael Carbonell de Masy, “Génesis y consecuencias de una obra: efemérides de La guerra de los Guaraníes, atribuida al P. Tadeo Enis, S.J”, in *V Jornadas Internacionales Misiones Jesuíticas*, Montevideo 1994. Montevideo, 1994, pp.125-145.
41. Efraim Cardoso, *Historiografía Paraguaya*. I. Paraguay indígena, español y jesuita, Mexico, Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1959, p. 394.
42. A.H.N. Estado, Legajo 4386, doc 142.
43. *Relação abreviada da república que os religiosos das províncias de Portugal e Hespanha, estabelecerão nos Dominios Ultramarinos das duas monarchias*. E da guerra, que neles tem movido, e sustentado contra os Exercitos Hespanholes, e Portuguezes; e por outros documentos authenticos. Lisboa, [s.n.], 1757.
44. Eduardo Neumann. *Letra de índios: cultura escrita, comunicação e memória indígena nas Reduções do Paraguai*, Nhanduti, São Bernardo do Campo, 2015.
45. As *Refutações* são textos elaborados, como instrumento de defesa, por dois jesuítas que atuavam em terras paraguaias: Bernardo de Nusdorffer e Juan de Escandón. Esses manuscritos estão conservados em Madri. A.H.N. Clero-Jesuítas, Legajo 120, doc 77. *Punta de Fernan. Dorias, y Agosto 20 de 1758= Muy Sr Mioy mi dueno = D.o Vm su mas afecto servidor = Dn Juan del campo y Cambroneras= Señor Dn Alexandro de Bique Capitan de caballería del Presidio de Bs As. No final do documento esta escrito: “Su verdadero autor es el Bernardo Nusdorffer actual Misionero entre los mismos Indios y quen avia sido dos vezes Supr de Misiones, y una Provincial de toda la Provincia. Y el mismo me la envio de alla= JHS. Juan de Escandon”*
46. A respeito do impacto bibliográfico causado por essa obra no século XVIII, ver: Efraim Cardozo, *Historiografía paraguaya: I - Paraguay indígena, español y jesuita*, México, Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1959, pp. 374-376.
47. Ao sancionar a pragmática resolução de expulsão, Carlos III anunciou que “*mis razones solo Dios y yo debemos conocerlas*”. Antonio Ferrer del Río, *Historia del Reinado de Carlos III en España*, Madrid, 1856. v. 2, p. 122.
48. “*Instrucción de lo que deberán ejecutar los comisionados para el estrañamiento y ocupación de bienes y haciendas de los Jesuítas en españa e Indias, del 1 de Marzo de 1767*”. Francisco Xavier Brabo, *Colección de documentos relativos a la expulsión de los jesuítas de la Republica Argentina y del Paraguay en el reinado de Carlos III*, Madrid, Estudio Tipográfico José María Pérez, 1872, pp. 6-12.
49. Bernardo Ybáñez Echavarrí, *El Reyno jesuítico del Paraguay...* Colección general de documentos tocantes a la terceira época de las commociones de los regulares de la Compañía de Jesus, Madrid, 1770.
50. A.H.N. Estado 4386, doc 123.
51. Fernando Bouza, *Op. Cit*, 2001, p. 168.
52. Jose Maria Mariluz Urquijo, “La historiografía rio-platense sobre el Tratado de Madrid (1750-1850)”, in *El tratado de Tordesillas y su época*. Congreso Internacional de Historia, Vol III: La ejecución del tratado y sus consecuencias. Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas, 1995, pp.1637-1651.

O AUTOR

Eduardo Santos Neumann é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História pela UFRGS e Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Realizou pós doutorado sênior, com bolsa da Capes, junto a Universidade de Alcalá/Espanha. É um dos coordenadores do Grupo de Pesquisa: Sociedades de Antigo Regime no Atlântico Sul (SARAS) registrado no CNPq.